

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM A MONSTRA
24 de Março de 2023

NECO Z ALENKY / 1988
(“Alice” ou “Qualquer Coisa de Alice”)

Um filme de Jan Svankmajer

Realização: Jan Svankmajer / Argumento: Jan Svankmajer, baseado em *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll / Direcção de Fotografia: Svatopluk Maly / Direcção Artística: Jan Svankmajer, Jiri Blahá e Eva Svankmajerová / Som: Robert Jansa e Ivo Spalj / Montagem: Marie Zemanová / Interpretação: Krystyna Kohoutová (Alice).

Produção: Condor Films – Channel 4 Films – Hessischer Rundfunk – Rádio e Televisão Suíça / Produtor: Peter-Christian Fueter / Cópia digital (DCP), colorida, legendada em inglês e electronicamente em português / Duração: 86 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Neco z Alenky foi o primeiro filme de longa-metragem do checo Jan Svankmajer. Já tinha mais de 50 anos quando se abalçou à estreia no filme de longa duração, mas desde os anos 60 que se firmara como um dos nomes de proa da escola checa de animação e herdeiro daquele que porventura ainda é autor clássico mais importante dessa tradição, Jiri Trnka. Uma das características da animação checa, ou desta tradição da animação checa, que também exprime bem a sua ambição artística e cultural, era a sua frequente abordagem do imaginário literário universal, e a adaptação, em animação, de grandes clássicos da história da literatura (em sentido lato, incluindo o teatro). Um dos melhores e mais bonitos filmes de animação de que nos lembramos é justamente o **“Sonho de uma Noite de Verão”** que Trnka extraiu à peça de Shakespeare. Isto para começar por dizer que nada há de estranho, pelo contrário, no facto de Svankmajer se ter estreado na longa-metragem com um clássico da dimensão da *Alice* de Carroll – convindo referir que na sua obra, anterior e posterior a este filme, em curtas ou em longas, Svankmajer trabalhou ainda sobre Goethe, Poe, Walpole ou o Marquês de Sade. E que foi justamente uma curta baseada em Carroll – **Jabberwocky**, de 1971 – que lhe espicçou o interesse pelo ensaio em filmes longos, embora tenha precisado de 17 anos para o concretizar.

Outra característica que liga Svankmajer a esse eixo da tradição checa é o recurso ao “stop-motion” e à animação com figuras e espaços tridimensionais, que permitem o recurso real, e não apenas simulado, a todos os procedimentos do cinema de “acção real”, travellings, panorâmicas, etc, como se trouxesse para a animação – e apenas com uma diferença de “escala” – um conceito clássico de “mise en scène”. Esta **Alice** (o título original significa algo como *“Qualquer Coisa de Alice”*, exprimindo que não se trata de uma adaptação literal, antes a recuperação de “qualquer coisa”) traduz isso,

plenamente, com um pormenor decisivo: a protagonista é uma atriz de carne e osso. Isso torna mais complexa a relação com o espaço, a “casa de bonecas” (algumas “horríveis”) em que tudo se passa, tornando, por exemplo as cenas de encolhimento e crescimento, ainda mais oníricas e surreais do que na maior parte das adaptações de *Alice* conhecidas (e nesse aspecto, diríamos que a **Alice** de Svankmajer está bem mais próxima da recente adaptação de Tim Burton do que da clássica versão Disney, embora não se pareça com nenhuma delas).

No fundo, ao sublinhar a diferença entre a figura humana e as figuras fantasiosas, Svankmajer reencontra a dimensão “mental” da história de Carroll, algo reforçado ainda pelo décor da casa e mais ainda do quarto – como se esta **Alice** fosse só o produto do delírio de uma criança alucinada num quarto cheio de brinquedos. É um daqueles filmes onde a diferença entre o sonho e o pesadelo está sempre a ser esbatida, e onde o “maravilhoso” se revela não raras vezes – as criaturas feitas de ossos, por exemplo – enquanto “horrível”. Há uma entrevista de Svankmajer em que ele conta (e é uma possível explicação para importância dos bonecos tridimensionais na animação checa) que um dos brinquedos mais comuns das crianças checas era justamente um teatrinho de marionetes – “todas as crianças tinham um teatrinho no seu quarto”. Esse elemento dá uma pista interessante para esta Alice, e acrescenta-lhe ambiguidade: trata-se de “escapismo”, pela fantasia e pelo mergulho num universo mental, ou pelo contrário de “confinamento”, de um estado de reclusão sem fuga real? Na sua dimensão algo claustrofóbica, no seu tratamento do espaço, o filme de Svankmajer permite todas as leituras. Inclusive a política, os laivos de alegoria (e em 1988 estávamos nos últimos meses do regime comunista, pouco tempo antes da “revolução de veludo”), o espaço se não “rigorosamente vigiado” (como os comboios do célebre filme de Jiri Menzel) pelo menos rigorosamente delimitado, e a sua transgressão. (De resto, nessa mesma entrevista Svankmajer diz claramente que filmou os julgamentos sumários da Rainha de Copas pensando “nos julgamentos políticos dos anos 50”). Este acossamento, em todo o caso, está no filme, e com grande força, como se só pudesse mesmo ser originário de um país do leste europeu em determinado período. Não é por acaso que, excluindo as conotações eróticas, o filme que mais nos ocorre durante o seu visionamento, pelo delírio e pela claustrofobia, é o primeiro filme rodado no ocidente por um cineasta polaco, nos anos 60: o **Repulsion** de Roman Polanski. Fica uma ideia para um futuro “double bill”...

Luís Miguel Oliveira